

Contribuições de Heidegger para a via do pensamento meditativo

Heidegger's contribution to meditative thought

Paula Renata de Campos ALVES¹

 0000-0002-7760-8300

Resumo

O presente artigo pretende refletir acerca das contribuições de Heidegger para a noção de pensamento meditativo. A diferença entre o pensamento que medita e o pensamento calculador (*das rechnende Denken*) é trabalhada por Heidegger em alguns de seus textos, dos quais se destacam os diálogos-texto “Para a discussão da serenidade: de uma conversa sobre o pensamento que teve lugar num caminho de campo” (1944-1945) e “De uma conversa sobre a linguagem entre um japonês e um pensador” (1953-1954) e o texto “Serenidade” de 1955. A partir desses textos, pretende-se destacar a presença de um interesse do pensamento oriental (Escola de Kyoto) pela filosofia de Heidegger, no que diz respeito a abertura heideggeriana para um outro caminho de pensamento. O interesse de Heidegger pelo pensamento oriental que é, de um modo especial, um outro caminho de pensamento, também pode ser visualizado nos textos que serão trabalhados. Os esboços de um “outro caminho” que também pode ser chamado de “outro pensamento” auxilia em liberar para o recomeço de uma relação com o ser.

Palavras-chave: Outro pensamento. Pensamento meditativo. Pensamento oriental. Ser.

Abstract

The aim of this paper was to address the contributions of Heidegger to the notion of meditative thought. The difference between meditative thought and calculative thought (das rechnende Denken) is addressed by Heidegger in some of his essays, particularly in the following ones: “Zur Erörterung der Gelassenheit. Aus einem Feldweggespräch über das Denken” (1944-1945), “Das Gespräch mit einem Japaner” (1953-1954), and “Gelassenheit” of 1955. Based on these essays, we intended to point out the interest of Heidegger’s philosophy for Eastern thought (Kyoto School) concerning Heidegger’s openness to another way of thinking. Heidegger’s interest in Oriental thought, which is, in a special way, another way of thinking, can also be found in other works that will be discussed in the present paper. The notion of the “other way”, which can also be defined as the “other way of thinking”, frees us to resume a relationship with the being.

Keywords: Another thought. Meditative thought. Eastern thought. Being.

¹ Instituto Federal de Minas Gerais, Coordenadoria de Ciências Sociais e Filosofia. R. Pandiá Calógeras, 898, Bauxita, 35400-000, Ouro Preto, MG, Brasil. E-mail: <paula.alves@ifmg.edu.br>.

Introdução

Uma das grandes questões da Filosofia é a natureza do pensamento. Pensar é a disposição mais imediata e radical do homem. Uma espécie de antevisão daquilo que ainda é invisível. O pensador Martin Heidegger (1889-1976) traz uma luz à questão do pensamento que se coloca diante da dignidade daquilo que ele considera ser uma “tarefa”. Para Heidegger, o pensamento é uma tarefa que mostra o caminho da morada humana, nesta terra, habitando uma linguagem, em relação com o ser (HEIDEGGER, 2010). O caminho do pensamento, contudo, de acordo com o pensador da “Floresta Negra”, não é construído ao modo de uma estrada, com toda engenharia e planificação. Nas palavras de Heidegger: “O pensamento gosta de construir, eu quase diria, de maneira milagrosa, o seu caminho” (HEIDEGGER, 2003, p.89).

Neste tipo de construção dita por Heidegger, a qual vai ganhando clareza sobre o que se é ou sobre o que se pode ser, enquanto humanos, os construtores percorrem um caminho que os conduz ao já edificado antes deles. E é na escavação do que já se edificou que reside a possibilidade do encontro com aquilo que aguarda para ser pensado. Nesse sentido, o pensamento proposto por Heidegger pode não apresentar nenhuma novidade, mas ele pode acenar para a importância de recuperar o mesmo, ou seja, o já antes pensado, para aí mesmo aguardar pelo pensável. O mais singular na concepção de Heidegger sobre a tarefa do pensamento é que ele não pretende que ela seja produtora, como se fosse o “nós” agentes do pensamento, mas que seja uma tarefa de profunda serenidade, na qual se é capaz de “aguardar” os pensamentos que são dispensados, como uma espécie de dádiva.

A tarefa do pensador assemelha-se a de um jardineiro. Esse, ao lançar as sementes, cultivá-las, cuidando para que haja ambiente propício para o crescimento das plantas, deve abandonar-se ao seu fazer, aguardando sem expectativas aquilo que há de brotar. Ele deve estar imerso na determinação de sua tarefa, mas nunca afoito pelos resultados. Não é a ele que compete o tempo do nascimento daquilo que a ele compete semear. A ele compete um aguardar pelo que pode ou não vir a ser. É nessa tarefa finita e determinada do cotidiano que o pensamento pode chegar. É nela que reside o mais elementar do pensamento: junto ao forno, no calor da hora do dia, como é possível ver na anedota sobre Heráclito, contada por Aristóteles².

Na busca de compreensão do que Heidegger chama de caminho de pensamento meditativo, trabalhar-se-á com os diálogos-texto “Para a discussão da serenidade: de uma conversa sobre o pensamento que teve lugar num caminho de campo” (1944-1945) e “De uma conversa sobre a linguagem entre um japonês e um pensador” (1953-1954) e o texto “Serenidade” (1955), escrito por ocasião da comemoração do centenário de morte de Conradin Kreutzer³.

O pensamento calculador e o pensamento meditativo

O pensamento que Heidegger delineaia nestes textos se distancia daquilo que ele nomeia de pensamento calculador (*das rechnende Denken*). No entanto, que pensamento é esse, o

² “Diz-se (numa palavra) que Heráclito assim teria respondido aos estranhos vindos na intenção de observá-lo. Ao chegarem, viram-no aquecendo-se junto ao forno. Ali permaneceram, de pé, (impressionados sobretudo porque) ele os (ainda hesitantes) encorajou a entrar, pronunciando as seguintes palavras: ‘Mesmo aqui, os deuses também estão presentes’” (HEIDEGGER, 2002, p.22).

³ Conradin Kreutzer (1780-1849) foi um importante músico e compositor, nascido em Messkirch, terra natal de Heidegger.

calculador? É o pensamento que possui um objeto a investigar, para a obtenção de controle e resultados. É o pensamento da representação metafísica, instalado no âmbito da subjetividade. Esse pensamento, para Heidegger, é inevitável, na medida em que é ele que determina a relação do homem com os entes e com o ser, desta época. Não cabe a nenhum pensador destruir esse pensamento calculador.

O poder (*Macht*) que nele atua é que possibilita que as coisas se comportem de uma maneira ou de outra, e que o homem esteja a se comportar de maneira calculadora. A expressão de vida no mundo civilizado e cientificista é definida pelo projeto tecnológico de mundo. Essa é a figura de mundo que orienta o pensamento calculador e que é por ele retroalimentada. É na configuração dessa figura de mundo que tem lugar o acontecimento da verdade nessa época. E que figura seria essa, a que corresponde à época que se vivencia? É justamente a figura do técnico-científico, da previsão e do controle tecnológicos, que se desenha em escala planetária. Uma figura de mundo que uniformiza, que conduz à histeria das padronizações, na qual se dissolvem os traços das singularidades no “fundo cinzento e amorfo de um horizonte aberto” (BORGES-DUARTE, 2014, p.223). Nenhuma organização humana é capaz de destruir o domínio da técnica. O homem está subjugado ao poder “irresistivelmente superior da técnica” (HEIDEGGER, 2000, p.8).

Na perspectiva de Heidegger, apenas um pensamento pode fazer frente ao pensamento calculador, marcado pelo projeto de mundo tecnológico, e investir em um ultrapassamento (*Überwindung*) da ciência e também da Filosofia que se estabelece a partir desse projeto de mundo. Esse pensamento é o meditativo. O pensamento que medita, para Heidegger, consiste em uma maneira de habitar o mundo de um modo completamente diferente do que se experencia a partir da figura de mundo da técnica moderna. Diferente, neste caso, não diz que se precisa mudar algo no modo próprio de ser.

O homem é, essencialmente, um ser meditativo (HEIDEGGER, 2000). E isso quer dizer: não é estranho ao pensamento o meditar. Pelo contrário, quando todas as determinações exteriores ao homem se calam, ele se recolhe no que é mais essencial – e é nesse recolhimento que a experiência do pensamento meditativo se inscreve. Portanto, para Heidegger, sendo o homem um ser meditativo, salvar o pensamento meditativo significa salvar o homem. A indiferença com o ser meditativo propicia que se esteja lançado no que Heidegger chama de uma total ausência de pensamento. Essa afirmação causa uma enorme surpresa e, até mesmo, uma enorme indignação. Como se pode afirmar, no mundo de hoje, repleto de pesquisas e novas descobertas, que existe uma “total ausência de pensamento”? Como Heidegger pode afirmar que não se pensa, quando se sabe que o interesse pela ciência só cresce e que, mesmo a Filosofia, ainda suscita inumeráveis questionamentos e produz sempre novas tendências? Para Heidegger, o fato de existir um crescente interesse pela ciência e de que haja, em certa medida, um interesse pela filosofia e uma alteração frequente de tendências no âmbito desses interesses, não implica que exista uma disponibilidade para o pensamento.

Para Heidegger, essa disponibilidade se encontra no “aguardar”, que não é o mesmo que representar. A disponibilidade para o pensamento seria a libertação do caráter representacional, o qual “produz” o pensado. Essa disponibilidade significa uma “Serenidade” (*Gelassenheit*) que permite que as coisas repousem em si mesmas. As coisas, compreendidas desde a Serenidade, não são causadas e nem produzidas. Portanto, não são objetos para um sujeito.

As coisas residem em si mesmas através da região (*Gegend*), o aberto que permite que elas venham ao encontro, a abertura que tudo abarca. A região é o próprio movimento que dissolve a dualidade sujeito-objeto (SARAMAGO, 2008). Ela é como se fosse a moldura de horizonte aberto, uma abertura que rodeia o homem. Quando se olha ao redor do ser, uma paisagem se oferece a essas vistas. Essa paisagem está contornada, delineada, cada coisa repousa em seus traços. O céu aberto, de grandes extensões, a terra que assenta, cada ser que vem ao encontro desse olhar, tudo isso participa do aberto. Todas as coisas repousam na região, que é o lugar de encontro dos entes na abertura desse olhar. É nessa composição que reina a presença de tudo o que é. É essa composição que pode ser chamar de fronteira, lugar de aparecimento, de vinda à presença, de limiar e nascimento do olhar⁴.

Para romper com a clausura (*Verschlossenheit*) do mundo científico, com a tendência de não se visualizar que o pensamento calculador é “uma” possibilidade e não “a” possibilidade, é necessário que se aprenda a meditar. Meditar sobre o que nessa mesma clausura se mostra de maneira opaca, isto é, dar um passo atrás em direção à “*Proveniência*”, ao impensado, para se visualizar como é que isso que hoje parece ser o “único” modo de pensar se instalou no mundo dos homens. O que significa que se pode – uma tarefa de extrema importância –, experimentar reflexivamente os traços “fundamentais” dessa época tecnológica.

Se é, então, de uma certa forma, convocado por Heidegger a parar de fugir de si mesmo, a não mais fugir do pensamento, e a aprender a aguardar os acenos do que é mais essencial. Fugir aqui tem o sentido de ir desesperadamente ao encontro de algo, não deixar o pensamento descansar em si mesmo, estar afoito por sempre novos pensamentos. Foge-se quando não se aguarda.

I - Devemos aguardar porquê? E onde devemos aguardar? Quase já nem sei onde estou, nem quem sou.

P - Todos o deixaremos de saber assim que deixarmos de nos enganar a nós próprios (HEIDEGGER, 2000, p.42).

Essa fuga do pensamento meditativo diz que se cai na servidão (HEIDEGGER, 2000) do mundo técnico e, portanto, é preciso recuperar uma atenção e um cuidado para com o mistério. É na abertura para o mistério que se pode chegar a experimentar o pensamento meditativo. Mistério entendido não como aquilo que está prestes a ser posto à luz da presença, mas que ainda não se mostrou. Mistério entendido como a persistente dimensão de ocultamento que é característica das coisas em seus repousos. Heráclito diz, no fragmento 59, que a natureza (*physis*) ama esconder-se (CONCHE, 1998). Com isso, ele acredita que é próprio de tudo o que surge o movimento de retraimento. O pensamento, quando se furta à abertura do mistério, esquece daquilo que é essencial. Nesse esquecimento, reside o perigo do destino ocidental.

Mas como é que Heidegger entende esse outro pensamento? Como se observou, a Serenidade para com as coisas é o elemento essencial para que o pensamento possa meditar. Serenidade é o aguardar a hora e a vez de cada coisa e de cada pensamento. Um aguardar que não é uma mera passividade atônita, mas uma forma de realizar uma tarefa bem determinada. O aguardar aqui é o da ordem do jardineiro, que semeia, cultiva, cuida do crescimento, mas

⁴ Conferir no texto da Conferência de Atenas (Athaener Vortrag), proferida em 04 de abril de 1967, com o título “A Proveniência da Arte e a determinação do pensar” (*Die Herkunft der Kunst und die Bestimmung des Denken*), da edição de Hermann Heidegger (1983) em *Denkerfahrten, Frankfurt am Main*, Vittorio Klostermann, 1983, p.135-149. A tradução em português do texto é de Irene Borges-Duarte, no Projeto de Heidegger em Português, na página *online*: <<http://www.martin-heidegger.net/>>.

sem ansiar por nada para fora de sua própria tarefa. O jardineiro que anseia por resultados corre o risco de deixar de perceber silenciosamente a dinâmica do crescimento.

Quando se fala em meditar, refere-se ao preparar, no sentido de uma preparação para o amadurecimento de algo, para que algo esteja pronto para vir à luz, como no nascimento. Todas as forças convergem para o nascimento. Nada é mais poderoso e frágil que o nascimento de algo, seja de uma planta, de uma criança ou de um pensamento. Poderoso enquanto tem em si a convergência de todas as forças de vida, a concentração poderosa do instante, do tempo desabrochando em presença. Frágil enquanto não tem nenhuma garantia para si, nenhuma estabilidade, sendo pura vulnerabilidade.

Esse aguardar diz, então, um abandonar-se ao movimento da existência, entregar-se a ele, sem resistir à sua imponderável disposição. Mas aguardar dispendo-se ao trabalho cotidiano, finito, determinado do pensamento. A labuta da repetição, o fazer que se repete, e que ganha destreza nessa mesma repetição. Entregar-se àquilo que é mais necessário, ao que precisa ser feito, ao trabalho que é força de vida. Por isso, nesse aguardar está descrita uma atividade que se furta ao calcular, na medida em que se libera ao essencial. Pertencem-se àquilo pelo que se aguarda. Pensar, portanto, oferece proximidade daquilo que é mais próprio. Proximidade que é um não querer. Se no pensamento representacional se está sob o jugo da vontade de dominação, no pensamento meditativo se acende a um não querer. Há uma energia ativa no não querer próprio da Serenidade, que remete a uma expressão do ser desconhecida das formulações do pensamento representativo.

O encontro com o outro

No diálogo-texto “De uma conversa sobre a Linguagem entre um japonês e um pensador” (1955), Heidegger se dispõe ao diálogo com o mundo oriental, na busca de pensar aquilo que converge e aquilo que diverge entre o pensamento ocidental e o pensamento oriental. Na recordação das reflexões do conde Shuzo Kuki (1888-1941), importante discípulo de Kitaro Nishida (1870-1945)⁵, o encontro de Heidegger com Tomio Tezuka (1903-1983), em 1954, na cidade de Freiburg, será transformado em um importante texto que, a partir da reflexão sobre a estética e a língua japonesa, renderá bons frutos para a explanação daquilo que está sempre a se insinuar nas reflexões heideggerianas: o lugar do nada (ou do vazio, como chamam os japoneses) no pensamento ocidental.

Esse encontro propicia não apenas uma investigação sobre o pensamento japonês, historicizando e refletindo sobre o primeiro contato deste com as teorias da estética ocidental, uma mera compreensão das nuances do pensamento oriental em relação às nuances do pensamento ocidental. Nesse encontro, o que se propicia é a própria fronteira entre dois mundos de pensamento, entre duas proveniências diversas. Essa fronteira é o limiar, ou seja, é o que separa mas igualmente o que pode trazer para a reunião. Os limites das linguagens em suas idiossincrasias, nas tentativas de se traduzirem, são fundamentais para uma conversa que se deixa conduzir pela própria questão que se encaminha ao pensamento. Como se pode traduzir

⁵ Proeminente fundador da Escola de Kioto, Kitaro Nishida é responsável pela importante abertura da filosofia oriental ao discurso da filosofia ocidental. A presença de importantes pensadores asiáticos na Europa está diretamente associada às figuras de Husserl (1859-1938) e de Heidegger.

para o ocidente o que não se deixa nomear definitivamente no pensamento oriental? E vice-versa: como se pode traduzir para o Oriente aquilo que não se deixa nomear definitivamente no pensamento ocidental? Contudo, no encontro entre esses pensamentos pode-se pressentir a proximidade. No exercício de pensamento de Heidegger junto ao pensamento japonês está a difícil tarefa de dizer algo que não pertence ao escopo do pensamento metafísico. Toda meditação de Kuki orientou-se a pensar a palavra japonesa *iki*⁶. Toda meditação de Heidegger orientou-se a pensar a palavra “ser”. O ser foi nomeado no pensamento metafísico, mas, nessa nomeação, algo permaneceu velado, e é nesse aspecto velado que o pensamento meditativo pode se demorar. “Para nós, o vazio é o nome mais elevado para se designar o que o senhor quer dizer com a palavra ser” (HEIDEGGER, 2003, p.88). Com essa afirmação, a escuta do pensamento japonês coloca diante da questão fundamental para o pensamento de Heidegger, qual seja, a questão do ser.

J - Por que então o senhor não abandona logo a palavra “ser” e não a deixa exclusivamente para uso da metafísica? Por que não deu um outro nome ao que o senhor procurava como ‘o sentido do ser’, seguindo o caminho da essência do tempo?

P - Como se pode dar um nome específico ao que ainda se procura? Todo achar e encontrar repousa no apelo da linguagem nomeadora.

J - Nessas condições, deve-se suportar a confusão.

P - Realmente. Talvez ainda tenhamos que suportá-la por muito tempo, na condição indispensável de nos empenharmos em desfazê-la com todo o cuidado.

J - É que somente um empenho assim pode nos levar para a liberdade.

P - O caminho até lá, no entanto, não é construído como se constrói uma estrada. O pensamento gosta de construir, eu quase diria, de maneira milagrosa, o seu caminho.

J - Neste tipo de construção, os construtores devem, às vezes, voltar para os trechos já edificados ou até mesmo para antes deles.

P - Eu admiro o quanto o senhor percebe o modo de ser dos caminhos do pensamento.

J - Dispomos de uma longa experiência. Essa não se transformou porém numa metodologia conceitual que destrói toda a vitalidade dos passos de pensamento. Ademais, o senhor mesmo me deu oportunidade de ver com maior nitidez o caminho de seu pensamento (HEIDEGGER, 2003, p.88).

A pergunta pelo ser, em sua relação com a pergunta sobre o nada, como foi interpretada pela Escola de Kyoto, nos diálogos com o pensamento de Heidegger, deve ser trazida como uma grande chave de leitura que é oferecida pelo pensamento oriental. A noção de vazio ou de nada é atravessada, para a escola de Kyoto, pela leitura de Eckhart (FLORENTINO NETO, 2008), mostrando que a perspectiva zen-budista do pensamento japonês se dispôs a pensar a questão do ser, como proposta por Heidegger, pressentindo nesse pensamento uma vizinhança com a sua mais familiar noção de vazio. O pensamento filosófico japonês, por força da proximidade que experimentou com o mundo ocidental quando da abertura de seu mundo ao imperialismo ocidental, propôs-se a perscrutar a questão da essência da técnica do mundo moderno. Mas o inverso também acontece. O pensamento ocidental vê-se na inevitável abertura ao outro, ao pensamento oriental. Koichi Tsujimura (1922-2010) recebe uma importante influência do pensamento de Heidegger, e indica que, apesar de não ser explícita a influência

⁶ *Iki* é traduzido no diálogo do pensador com o japonês com muita dificuldade, pois se trata de uma palavra essencial do pensamento japonês. A tradução de *iki* é “graça e encanto” como aparição fulgural no aberto (HEIDEGGER, 2003).

do pensamento oriental sob o pensamento heideggeriano, as possibilidades de diálogo deste com o pensamento zen-budista não são poucas. Mas como se pode justificar esse interesse mútuo entre o pensamento oriental e o pensamento de Heidegger? Como Michelazzo frisou a partir de sua leitura do pensador zen-budista Daisetsu Teitaro Suzuki (1870-1966), a aparente dicotomia entre a manifestação do silêncio oriental, em contraste com o “Verbo” ocidental, não percebe a relação de proximidade entre silêncio e verbo. O silêncio não é o oposto de verbo, mas a sua manifestação plena e essencial (MICHELAZZO, 1999).

Desse modo, encontra-se uma proximidade do pensamento oriental com o pensamento de Heidegger. Uma proximidade que, naturalmente, pressupõe uma distância, mas que é nesse jogo entre proximidade e distância mesmo que o pensamento de Heidegger pode se espelhar. Essa proximidade leva a pensar que ambos os pensamentos repousam em um modo de pensar originário, ligados por uma teia constituída por um elemento místico, oculto, misterioso (MICHELAZZO, 1999), que muito ainda faz se pensar. Esse encontro com o outro permite que se possa perceber o início do pensamento ocidental a partir do que não se mostrou, mas deixou seus vestígios como prova de que o caminho pode ser repensado.

Ora, isso não nos faz pensar que o Ocidente seja a terra do entardecer (*Abend-land*), não só por motivos geográficos, mas também porque sua filosofia chegou aos limites de suas possibilidades do cálculo e da dominação? E não deveríamos nós, ocidentais, dirigir o nosso olhar para o Oriente, esta terra do amanhecer (*Morgen-land*), não só para ver o sol nascer, mas para auscultar o seu modo de pensar – que não é, propriamente, filosofia –, e, lá, poder divisar, a partir de uma nova aurora, um outro começo para o pensamento ocidental? (MICHELAZZO, 1999, p.219, grifos do autor).

As contribuições do pensamento oriental para o caminho de um outro pensamento, como preconiza Heidegger, são cruciais como forma de orientação e disposição para o que se experimenta junto ao “outro”. E isso não pela necessidade de se imitar um modelo de pensamento que se manteve mais voltado para as coisas “espirituais”. O motivo do caráter decisivo dessa influência não se encontra em nenhuma razão de superfície, em nenhum modismo apressado da influência do Oriente sob o Ocidente, mas na possibilidade de interligar o pensamento originário, isto é, o retorno ao pensamento pré-filosófico e o pensamento oriental em seus começos característicos.

Estaria, finalmente, no bojo dessas questões a possibilidade de acesso a um modo de pensar aqui-originário, a primeira fonte donde se origina a forma mais primitiva do pensamento humano, para fora das fronteiras regionais onde os povos, tanto ocidentais quanto orientais, puderam ter a sua experiência singular de pensar? (MICHELAZZO, 1999, p.220).

Certamente, pensar a articulação originária do pensamento ocidental com o pensamento oriental é bastante difícil, uma tarefa de fôlego. Contudo, de acordo com Michelazzo, essa articulação pode auxiliar na condução de uma reflexão importante acerca de dois modos de acontecimento do pensamento ocidental.

O primeiro, o modo de pensar metafísico, funda-se na ideia de “um” fundamento como eixo para a compreensão do real. O real é, para o pensamento metafísico, desde a sua espinha dorsal, marcado por um “traço de separação” (MICHELAZZO, 1999). Para que se possa conhecer os entes, que constituem o real, deve-se estudá-los, separá-los, classificando o real a partir de dois âmbitos distintos: o sensível e o suprassensível. O suprassensível é esse “um” fundamento dos entes, princípio e causa sensível destes.

O segundo, o modo de pensar originário, é anterior ao metafísico, mas foi encoberto pelo próprio destino do pensamento ocidental. Através do questionamento de Heidegger – por que há simplesmente o ente e não antes o nada? (HEIDEGGER, 1969) –, se percebe a perspectiva de algo além do ente, que se pode dizer que seja totalmente não-ente, ou seja, totalmente outro. Heidegger insiste que esse totalmente outro é o próprio ser, pensado não mais no interior da metafísica, como um ente superior, fundamento único de todos os entes, mas desde um outro pensamento capaz de revolvê-lo à sua estranheza característica.

O pensamento que se caracteriza no segundo modo tende a manter-se na estranheza do não-ente. Esse pensamento considera a diferença decisiva entre “dois”, ente e ser, na dobra (*Zwiefalt*), no espaço de dois, na fenda em que a manifestação recíproca de ente-ser acontece. Essa reciprocidade acontece apropriada (*ereignet*) no seio da existência do ente humano. Para que se possa pensar o ser em sua realidade essencial é necessário que o pensamento esteja apto a se demorar nesse “entre” da diferença. Dito em outras palavras, o pensamento que acolhe a duplicidade, isto é, a diferença enquanto diferença, acede à possibilidade do inexplicável, do intraduzível, do mistério.

Para pensar o ente, em sua duplicidade com o ser, o pensamento deve se deixar ser conduzido para a vizinhança do totalmente outro (ou ainda, do nada ou vazio). Vazio que, enquanto campo aberto de possibilidades, conduz o ente ao encontro do humano, na presença dadivosa do real. É na proximidade do ser como esse aberto que se concede o encontro com os entes, que os pensamentos são dispensados ao homem, enquanto este medita, ou seja, enquanto se demora na tarefa determinada de sua existência, e se entrega a ela.

Outro pensamento

O pensamento meditativo e o pensamento da metafísica são, cada um a sua maneira, possibilidades de acesso ao ente. Com o pensamento metafísico, pode-se investir esforços no aprimoramento da vida prática, na obtenção de controle sobre a natureza e sobre os seus processos. Contudo, com esse pensamento calculador não se pode ganhar proximidade com a coisa, pois, ao objetificá-la, “nos sentimos exilados de sua presença” (MICHELAZZO, 1999, p.221). É como se se estivesse apartado de tudo que concede o encontro, de todas as coisas que rodeiam o sujeito. Nada mais traz conciliação com as coisas que estão com o indivíduo neste mundo. Nesse sentido, fala-se sobre as coisas de maneira irrefletida e incessante. Dizê-las, mesmo que de forma tão descuidada, ainda é a maneira de manter a conexão com o mundo. No exílio da presença das coisas, experimenta-se o exílio dos pensamentos. Já não se pode ser surpreendido pela visita de um pensamento conselheiro, de tão bitolados que estamos nos pensamentos repetidos e repetitivos que rondam o homem. Vez ou outra se liberta para um frescor de ideias, mas logo se estranha a visita do hospedeiro estranho, e se retorna ao que já “se sabe”.

Por outro lado, com o pensamento da serenidade, aguarda-se pelo mais próximo, isto é, deixa-se de querer controlar o incontrolável, deixa-se de lado, ao menos no sentido de uma entrega cega, a ânsia por conhecer tudo o que não está imediatamente sob o jugo do raciocínio do sujeito. O que se torna patente na entrega ao pensar que medita é que a simples presença

das coisas é o que o aproxima da morada humana. Não opor resistência a essa presença significa meditar, como fazem as crianças e os libertos de pensamento.

P - Para a criança no Homem, a noite permanece aproximadora/costureira (*Näherin*) das estrelas.

E - Ela junta sem costura, bainha, nem linha.

I - Ela é a costureira/aproximadora porque só trabalha com a proximidade (HEIDEGGER, 2000, p.96).

A proximidade costureira das estrelas é experimentada através do simples. O simples acontece quando se está receptivo ao mistério das coisas, quando ainda se é capaz de olhar para algo e ser agraciado por esse olhar. A criança, ainda livre em seu processo imaginativo, pode olhar para as estrelas e pressentir a beleza desse encontro. Pode não se ater aos nomes das constelações e as magníficas explanações sobre o universo, mas simplesmente estar ali, sentada ao pé das estrelas.

Quando, porém, o nosso olhar se deixa acompanhar pelo pensamento que medita, somos tomados por um súbito encantamento de beleza resplandecente. Tal acontecimento atinge diretamente aquele nosso lado antigo, aquela criança que ainda trazemos em nós, fazendo-nos lembrar de um tempo em que nos era fácil nos maravilharmos diante da presença simples das coisas (MICHELAZZO, 1999, p.221).

Pensar o que está em jogo no pensamento da serenidade permite, de certo modo, compreender o movimento do pensamento heideggeriano de retorno aos gregos como um reenvio que encaminha ao outro pensamento, que não é grego. Esse retorno à origem é, como se sabe, um reenvio ao impensado da história. No movimento de retorno, se é movido para uma retrospectiva (*Andenken*) do pensado na história inicial do ser e, ao mesmo tempo, se é movido para uma prospecção (*Vordenken*) que se lança à possibilidade de uma nova aurora, ao possível outro começo, a uma nova história.

A esse outro começo – ou ainda a uma volta a começar –, a professora Irene Borges-Duarte traduz como uma outra sintonia ou diferente afinação (*Umstimmung*) com o mundo da técnica ao qual se pertence. E isto significa que se pode compreender aquilo que é mais fundamental nessa época, a figura de mundo que configura o pensamento, a partir de uma outra recepção (BORGES-DUARTE, 2014).

Para a professora Irene, apenas o pensar que aguarda, esse que Heidegger chama de pensar meditativo, pode mesmo tocar aquilo que é mais característico da técnica, mas que nada tem de técnico. Mas esse pensar não está a desvendar um segredo, tendo agora ele domínio e poder sobre o que se desvenda. Nas palavras da professora Irene:

A determinação do aguardar não nomeia o inominável. É, como vimos, uma 'Sigética'⁷. Mas é, no entanto, também uma Poiética enquanto prepara o seu advir, enquanto se sintoniza com a origem, através do pressentir assustado do 'Perigo', do distanciar-se reservado do sistema presente e do temor do 'Outro' ausente, a que Heidegger chama o 'deus derradeiro', o qual, de passagem e sem se deter, é apercebido pelos mortais como aquilo que escapa à sua vontade de domínio, libertando a força prístina da 'quadrindade', a abertura das quatro regiões ontológicas na sua unidade. O círculo fecha-se, abrindo-se a um outro fazer caminho. A pergunta, o deter-se interrogante ante a livre doação do ser sem figura, é um rogar, quase sem oração. Não, decerto, à maneira da religiosidade tradicional do Ocidente, mas antes mais próximo do que Georges Braque soube entender quando dedicou a Heidegger uma litografia com as palavras 'O eco responde ao eco. Tudo se repercute' (BORGES-DUARTE, 2014, p.225).

⁷ Sigética é um termo que se refere ao silêncio fundamental do pensamento e da linguagem. Conferir a esse respeito (BORGES-DUARTE, 2014).

Conclusão

O pensamento meditativo, a possibilidade de um “outro pensar”, é a experiência de uma outra forma de resposta ao apelo do ser. Nessa outra forma de resposta, já não se é mais o mesmo e nem se é outro, pois ainda não se sabe o que se é. Esse não saber não é o que se afasta do próprio indivíduo, mas o que se aproxima do próprio indivíduo. Renunciar à ânsia de controle e dominação é o que sinaliza o caminho do pensamento meditativo. Como isso pode ser possível ao indivíduo, que é parte da era da técnica e do controle planetário? De que forma se coloca, nas palavras de Heidegger, em uma outra relação com a técnica, com o próprio ser? Será rejeitando os passos da metafísica e seus efeitos sobre o espírito ou aceitando o destino metafísico e ocidental com clareza e profundidade?

O que parece propor o caminho de pensamento de Heidegger, sobre o qual se vê indicações preciosas no encontro com o pensamento japonês, e nas formulações sobre a Serenidade (*Gelassenheit*), é o desafio de uma nova religiosidade na existência. Uma religiosidade que possa nos conectar ao fluxo do inesperado, àquilo que não se pode prever e calcular, e por meio da qual se possa aprender a aguardar pelo inesperado. Não mais na expectativa dos anúncios esperados dos sinais da divindade, mas na entrega ao aguardar pelos acenos do deus sem nome. Talvez essa nova religiosidade possa revelar traços de um divino no indivíduo e no mundo que o cerca, que se aprende a perceber quando se pensa meditativamente. A possibilidade de um divino pensado dessa forma, não pode ter como presença mais que uma passagem, pois é da ordem do instante, da impermanência, do tempo que não se contabiliza. É a possibilidade de pressentir essa passagem que faz se reconectar com algo esquecido, um espaço vazio, impreenchível, silencioso, que concede a força de uma relação simples com as coisas. Essa possibilidade de uma outra religiosidade e de um outro pensamento funda-se no aguardar. Insiste-se no aguardar, pois é somente por meio dele que se vai paulatinamente conectando o pensamento a uma nova morada.

Desse modo, o que cabe é continuar a pensar, com Heidegger, e também a partir dele, quais as possíveis veredas que o destino do mundo está a abrir ao pensamento que medita, e como se pode, de alguma forma, pressenti-las na dinâmica cotidiana.

Referências

- BORGES-DUARTE, I. *Arte e técnica em Heidegger*. Lisboa: Documenta, 2014. p.223-225.
- CONCHE, M. *Héraclite fragments*. Paris: Presses Universitaires de France, 1998.
- FLORENTINO NETO, A. Recepção e diálogo: Heidegger e a filosofia japonesa contemporânea. *Natureza Humana*, v.10, n.1, p.147-160, 2008. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-24302008000100007>. Acesso em 15 fev. 2018.
- HEIDEGGER, M. *Que é metafísica?* São Paulo: Duas Cidades, 1969.
- HEIDEGGER, M. *A Proveniência da Arte e a determinação do pensar*. Frankfurt am Main: Vittorio Klostermann, 1983. Disponível em: <<http://www.martin-heidegger.net/>>. Acesso em: 13 fev. 2018.
- HEIDEGGER, M. *Serenidade*. Lisboa: Instituto Piaget, 2000. p.8-96.
- HEIDEGGER, M. *Heráclito: a origem do pensamento ocidental: Lógica: a doutrina heraclítica do lógos*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002. p.22.

HEIDEGGER, M. *A caminho da linguagem*. Petrópolis: Vozes, 2003. p.88-89.

HEIDEGGER, M. *Carta sobre o Humanismo*. São Paulo: Centauro, 2010.

MICHELAZZO, J.C. *Do um como princípio ao dois como unidade: Heidegger e a reconstrução ontológica do real*. São Paulo: Fapesp, 1999. p.219-221.

SARAMAGO, L. Sobre a serenidade em Heidegger: uma reflexão sobre os caminhos do pensamento. *Aprender: Caderno de Filosofia e Psicologia da Educação*, ano VI, n.10, p.159-176, 2008. Disponível em: <http://periodicos.uesb.br/index.php/aprender/article/viewFile/4198/pdf_210>. Acesso em: 15 fev. 2018.

Como citar este artigo/How to cite this article

ALVES, P.R.C. Contribuições de Heidegger para a via do pensamento meditativo. *Reflexão*, v.43, n.1, p.125-135, 2018. <http://dx.doi.org/10.24220/2447-6803v43n1a4187>